

David Grossman



VER: AMOR

Romance

Traduzido do hebraico por
Lúcia Liba Mucznik



D.QUIXOTE



MOMIK



Foi assim: alguns meses depois de a avó Henny morrer e de ter sido enterrada, Momik ganhou um avô novo. Este avô chegou no mês de Shevat do ano de 5719, que no outro calendário é 1959, não através da emissão de rádio *Saudações dos novos imigrantes*, que Momik tinha de ouvir todos os dias entre a uma e vinte e a uma e meia enquanto almoçava e prestar muita atenção para o caso de mencionarem algum nome dos que o pai lhe escrevera num papel; não, o avô chegou numa ambulância da Estrela de David azul que parou depois do almoço no meio de uma chuvada ao lado da leitaria de Bela Markus, e da qual saiu um homem gordo e moreno – não um *shvartzé*, um preto, mas um dos nossos – que perguntou a Bela se conhecia na rua a família Neuman, e Bela assustou-se e limpou rapidamente as mãos ao avental e perguntou, sim, sim, aconteceu alguma coisa, Deus nos livre? O homem disse que não era preciso assustar-se, não tinha acontecido nada, o que é que havia de acontecer? Só lhes traziam ali um parente, e apontou com o polegar para trás, para a ambulância, que parecia completamente vazia e silenciosa, e Bela ficou de repente branca como a cal, ela que, como todos sabem, não tem medo de nada, e não só não se dirigiu para a ambulância como até se afastou um pouco na direção de Momik, que estava sentado a uma das mesas pequenas a fazer os trabalhos de casa de Tora, e disse, *vei iz mir*, pobre de mim, o que é isso agora de um parente? E o homem disse, *nu*, então, minha senhora, não temos

tempo a perder, se os conhece, diga-nos onde estão, porque em casa não está ninguém. Falava com erros, embora parecesse um veterano, e Bela retorquiu logo, é claro que não está ninguém em casa, o que é que você pensa, não são nenhuns parasitas, trabalham de manhã à noite para ganhar o pão deles, estão todo o santo dia ali, na segunda rua, no quiosque da lotaria, e este aqui, o miúdo, é deles, espere aqui um minuto, que eu vou já chamá-los. Bela desatou a correr sem sequer tirar o avental, e o homem olhou para Momik e piscou-lhe o olho, e como Momik não reagiu, porque sabe muito bem como se deve comportar com desconhecidos, o homem encolheu os ombros e começou a ler o jornal que Bela tinha deixado aberto, e a falar para o boneco, apesar desta chuvada que está a cair agora, vai ser um ano de seca, só nos faltava mais isso. Mas Momik que, regra geral, é um menino bem-comportado, não ficou a ouvi-lo, e saiu para a rua, à chuva, dirigiu-se à ambulância, trepou pela escada de trás, limpou a chuva da janelinha redonda e olhou para dentro, e aí viu o homem mais velho do mundo a nadar como se fosse um peixe dentro de um aquário. Estava vestido com um pijama às riscas azuis e brancas, e tão engelhado como a avó Henny antes de morrer. Tinha uma pele meio amarelada meio acastanhada, como uma tartaruga, que lhe pendia do pescoço e dos braços muito magros, a cabeça completamente careca, e uns olhos azuis vazios. Estava a esbracejar dentro da ambulância, e Momik lembrou-se do campônês suíço triste fechado dentro de uma pequena bola de vidro com neve a cair, que a tia Itka e o tio Schimek tinham trazido de presente e que Momik quebrara por acaso. Então, sem pensar, Momik abriu a porta, e apanhou um susto ao ouvir o homem a falar sozinho com uma voz estranha, que subia e descia, ora exaltada ora quase a chorar, como se estivesse a representar ou a contar a alguém uma história inverosímil, mas de repente, e isto é mesmo difícil de compreender, Momik teve a certeza absoluta de que o velho era Anshel, o irmão mais novo da avó Henny, tio da mãe, com quem todos diziam que Momik se parecia, especialmente à volta do queixo, na testa e no nariz, e que escrevia histórias para crianças nos jornais no estrangeiro, só que Anshel tinha morrido com os nazis, malditos sejam!, e

este aqui parecia bem vivo, e Momik esperava que os pais o deixassem ficar lá em casa, porque depois que a avó Henny morrera, a mãe tinha dito que só queria uma coisa, que era acabar os dias dela em paz. Nesse preciso momento chegou a mãe – pena é que Momik não tenha pensado no Messias –, e atrás dela a correr vinha Bela, a arrastar as pernas doentes (Marilyn Monroe nem sabe a sorte que tem), a gritar em iídiche para a mãe não se assustar nem assustar o miúdo, e atrás delas, devagar, vinha o gigante do pai, a arfar, com o rosto todo vermelho, e Momik pensou que devia tratar-se de uma coisa séria a valer para eles deixarem ambos o quiosque da lotaria. Bom, nessa altura o motorista da ambulância dobrou o jornal com toda a calma e perguntou se eles eram da família Neuman, e se eram parentes de Henny Mintz, bendita a sua memória, e a mãe disse com uma voz esquisita sim, era a minha mãe, o que é que aconteceu, e o motorista gordo sorriu com um sorriso gorduroso e disse que não tinha acontecido nada, o que é que havia de acontecer, porque é que estão sempre todos à espera que aconteça alguma coisa, apenas vos trouxemos o avô, com os nossos parabéns! Então dirigiram-se todos para a porta de trás da ambulância, o motorista entrou e levantou o avô nos braços com a maior das facilidades, e a mãe disse, ai! agora é que estamos bem arrançados, é o Anshel, e começou a cambalear de tal forma que Bela se precipitou para o café e trouxe-lhe uma cadeira mesmo a tempo. O motorista voltou a dizer que não era preciso assustarem-se daquela maneira, não fosse dar-lhes ali alguma coisa má, Deus nos livre, e depois de pousar o velho no chão, deu-lhe uma pancadinha amigável nas costas ossudas e curvadas, e disse, *nu*, então, aqui está a família, senhor Wasserman, e voltando-se para o pai e para a mãe, disse, há dez anos que ele está connosco no hospício de Bat Yam, e nunca conseguimos compreendê-lo, está sempre a cantar e a falar sozinho como agora, a rezar talvez, quem sabe, e não ouve nada do que se lhe diz, é surdo como uma porta, *nebech*, coitado. Aqui está a *mishpuha!*, a famelga!, berrou-lhe positivamente para dentro dos ouvidos, a fim de provar diante de todos que ele era mesmo mouco, ah!, quem sabe o que lhe terão eles feito lá, malditos sejam, pois, e nós nem sequer sabemos onde é que ele esteve, em

que campo ou o quê, trouxeram-nos pessoas em muito pior estado, vocês haviam de ter visto, não, mais vale não terem visto, mas eis que há coisa de um mês ele começou a abrir a boca e a dizer os nomes de uma série de pessoas, tal como o da senhora Henny Mintz, então o nosso diretor fez um pequeno inquérito como, vá lá, um detetive, e constatou que todas as pessoas de quem ele falava já tinham morrido, bendita seja a sua memória, e que a senhora Henny Mintz estava inscrita aqui, em Jerusalém, em Beit Mazmil, e também já morrera, e que vocês eram os únicos parentes dele, e então pensou se o senhor Wasserman não estaria melhor aqui convosco, ele consegue comer quase sozinho e, com o vosso respeito, as necessidades também as faz sozinho, e como o nosso país, *nebech*, coitado, é pobre, os médicos acharam que era possível mantê-lo em casa mesmo no estado em que está, afinal sempre é família, não é? Pois então, aqui têm o saco com as coisas dele, as roupas e os atestados médicos, os documentos e as receitas dos medicamentos que lhe davam lá, ele é realmente muito fácil e calmo, à parte os gestos e os sons, mas não é nada de grave, lá no nosso hospício todos gostavam dele, chamavam-lhe *a família Malavski*, como aquela célebre família de cantores de sinagoga, porque estava sempre a cantar, mas era na brincadeira, está visto. E gritou ao ouvido do velho, cumprimenta lá a tua família! Ai, nada, que nem uma porta. Bom, senhor Neuman, assine aqui e ali em como o receberam das minhas mãos, tem por acaso consigo algum documento de identificação? Não. Não faz mal. Eu acredito em si. *Nu, shoin*, pronto, os meus parabéns, é uma grande alegria, acho eu, como um bebé acabado de nascer, sim, vão habituar-se a ele aos poucos, e nós temos de voltar para Bat Yam, há lá muito trabalho à nossa espera, graças a Deus. Adeus, senhor Wasserman, e não se esqueça de nós! E desatou a rir na cara do velho, que não fazia a menor ideia onde estava, e depois subiu para a ambulância e partiu a toda a velocidade.

Bela foi a correr buscar uma rodela de limão para ajudar a mãe a recompor-se. O pai ficou parado a olhar para baixo para a chuva que caía dentro do canteiro vazio onde a Câmara devia ter plantado um pinheiro. A chuva escorria pelas faces da mãe que estava sentada

numa cadeira, de olhos fechados. Era tão baixa que as suas pernas gordinhas não chegavam ao chão. Momik dirigiu-se ao velhote, agarrou delicadamente o braço magro e puxou-o para debaixo do toldo da leitaria de Bela. Momik e o velho eram quase da mesma altura, porque o velho para além de estar todo curvado ainda tinha uma pequena bossa na nuca. Nesse momento, Momik reparou que no braço deste avô novo estava marcado um número, tal como no braço do pai, da tia Itka e de Bela, mas viu imediatamente que se tratava de um número diferente e começou logo a decorá-lo. Entretanto Bela regressou com o limão e começou a esfregar a testa e as fontes da mãe, o ar encheu-se de um cheiro bom, mas Momik esperou porque sabia que a mãe não acordaria tão depressa.

Precisamente nesse momento apareceram do outro lado da rua Max e Moritz, que de facto se chamavam Ginzburg e Zeidman, embora ninguém se lembrasse de tal, à parte Momik que se lembra de tudo. Eram dois velhos que andavam sempre juntos. Moravam na cave do bloco 12, que estava cheia de trapos e porcarias que eles apanhavam por todo o lado. Quando os funcionários da Câmara vieram para os expulsar, Bela insultou-os de tal maneira que eles desapareceram e os deixaram lá ficar. Max e Moritz nunca falavam com ninguém a não ser entre eles próprios. Ginzburg era sujo e cheirava mal e estava sempre a perguntar quem sou eu quem sou eu, porque tinha perdido a memória. Lá com eles, malditos sejam! O baixinho, Zeidman, estava sempre a sorrir para todos, e diziam que era vazio por dentro. Nunca se deslocavam um sem o outro, à frente ia Ginzburg, todo vestido de negro, e atrás, Zeidman, com a sacola preta que tresandava a quilómetros, a sorrir para o ar. Quando a mãe de Momik os via aproximarem-se, dizia muito depressa baixinho para si *Oif alé puste felder, oif alé viste velder*, que a desgraça caía sobre os campos áridos e as florestas desertas, e naturalmente dizia também a Momik para não se chegar a eles, mas ele sabia que eles eram fixes, e a prova é que Bela não tinha deixado que os expulsassem da cave, embora ela própria lhes chamasse no gozo todo o tipo de nomes como Mupis e Hupis e Pat e Patachon que eram os dois Mickey Mouse dos jornais do país de onde todos eles tinham vindo.

E lá vinham os dois devagarinho, o que era estranho, pois desta vez parecia não terem medo das pessoas, pelo contrário, aproximaram-se e pararam mesmo ao lado do avô, examinaram-no bem, Momik olhou para o avô e viu que as narinas dele tremeram um pouco, como se estivesse a cheirá-los – o que não é de espantar porque mesmo sem nariz qualquer pessoa consegue cheirar o Ginzburg; mas aqui era diferente, porque o avô interrompeu de repente a cantilena e olhou para os dois tolos, como a mãe também lhes chamava às vezes, e Momik sentiu que os três velhos ficaram de repente hirtos, como se se tivessem apercebido de alguma coisa, mas então o avô novo virou-se bruscamente, furioso, como se não tivesse tempo a perder, e retomou logo a cantilena irritante, como quem não viu nada, e começou a esbracejar como se estivesse a nadar no ar, ou a falar com alguém que não estava ali, e Max e Moritz olharam para ele, e o mais baixo, Zeidman, começou a fazer gestos e ruídos como o avô – faz sempre o que vê os outros fazerem –, e Ginzburg, zangado, lançou-lhe um palavrão e começou a afastar-se, com Zeidman atrás. É sempre assim juntos que Momik os representa nos seus desenhos para os selos com o emblema do Reino.

Bom, entretanto a mãe tinha-se levantado, pálida como a cal e a cambalear, sem forças, e Bela deu-lhe o braço e disse, encosta-te a mim, Gisela, e, sem sequer olhar para o avô novo, a mãe disse a Bela, isto vai dar cabo de mim, lembra-te do que te estou a dizer, porque é que Deus não nos deixa em paz, porque é que não nos deixa viver, e Bela retorquiou, então, então, vamos lá, não são coisas que se digam, Gisela, não é um cão, é um serumano vivo, não é bonito, e a mãe disse, não bastava eu ter ficado órfã, não bastava termos sofrido o que sofremos nos últimos tempos com a minha mãe, agora vai recommear tudo, olha para o aspeto dele, veio morrer a minha casa, foi para isso que ele veio, e Bela disse *cha, cha*, *chui, chiu*, e agarrou-a pelo braço, e passaram as duas ao lado do avô, a mãe nem olhou para ele, e então o pai tossiu levemente como quem diz, *nu*, então, o que é que estamos aqui parados a fazer, e, armando-se de coragem, pousou a mão no cotovelo do velhote, ao mesmo tempo que deitava um olhar envergonhado a Momik, e começou a levá-lo

dali, e Momik – que já decidira chamar ao velhote avô, embora ele de facto não fosse seu avô – disse para si próprio, olha o velho não morreu quando o pai lhe tocou com as manípulas dele, deve ser porque quem veio de Lá daquele sítio é inacessível.

Nesse mesmo dia Momik desceu à cave para fazer uma busca. Sempre tivera medo de lá ir por causa do escuro e da sujidade, mas desta vez tinha que ser. Lá em baixo, entre as grandes camas de ferro e os colchões com a palha a sair, as pilhas de roupa e os sapatos, encontrava-se também a mala da avó Henny, que era uma espécie de arca grande muito, muito bem atada, onde estavam todas as roupas e coisas que ela trouxera de Lá, um livro em iídiche com comentários do Pentateuco, a que também chamavam *Tzenaurena*, a tábua grande na qual ela preparava a massa folhada, e três sacos cheios de penas de ganso, que ela arrastara consigo através meio mundo, em barcos, em comboios e nos maiores perigos, só para poder fazer um edredão quando estivesse na terra de Israel, e não ter frio nos pés. Mas quando cá chegou deu-se o caso que a tia Itka e o tio Schimek, que tinham vindo antes e enriqueceram logo, já lhe tinham comprado um edredão duplo de penas de ganso, e os sacos ficaram no armazém a encher-se de pó e de toda a espécie de bichinhos, mas longe de nós deitar fora uma coisa daquelas; seja como for, o principal era que lá no fundo da mala havia um caderno todo escrito em iídiche pela avó, com recordações do tempo em que ainda tinha memória, mas Momik lembrou-se de que uma vez, quando ainda não sabia ler nem se tinha tornado uma *alter kop*, ou seja, uma cabeça de homem velho e sábio, a avó tinha-lhe mostrado uma página de jornal muito, muito velha, onde havia uma história que o irmão dela, o tal Anshel, escrevera há uns cem anos (mais ou menos), e a mãe zangara-se com a avó por ela estar a encher a cabeça do miúdo com coisas passadas que eram para esquecer. De facto, a página do jornal ainda lá estava dentro do caderno, e quando Momik lhe pegou ela começou a desfazer-se, então voltou a colocá-la entre as páginas do caderno, com o coração a bater loucamente, e sentou-se em cima da mala para a fechar e atar com as cordas, mas era leve de mais e acabou por deixá-la ficar aberta. Quando ia a fugir da cave veio-lhe de repente à

cabeça uma ideia tão estranha, que ficou pregado no chão, completamente esquecido do que ia fazer, mas a pilinha lembrou-lho bem, e conseguiu sair da cave mesmo a tempo de fazer chichi junto às escadas, uma coisa que lhe acontece sempre que lá vai.

Bom, lá conseguiu levar o caderno para casa sem que dessem por isso, meteu-se logo no quarto, abriu-o e viu que no caminho a página ainda se tinha desfeito um pouco mais, estava mesmo rasgada nos cantos, decidiu que a primeira coisa a fazer era copiá-la, pois de outro modo, *kaputt*. Tirou o Caderno de Espionagem de debaixo do colchão e, cheio de excitação, começou a copiar, palavra por palavra, a história do jornal rasgado:

OS MENINOS DE CORAÇÃO DE OIRO
em Socorro dos Peles-Vermelhas

*História em cinquenta capítulos do escritor dileto das crianças
Anshel Wasserman Scheheraz*

CAPÍTULO XXVII

Ó amável leitor! No capítulo anterior deixámos o bando dos meninos de coração de oiro voando como uma seta nas asas da «máquina de anular o espaço e o tempo» com os rostos voltados para uma luminária que não era senão a lua. Esta máquina era o fruto do espírito lógico de Serguei, um menino inteligente que dominava todas as artimanhas da técnica e da corrente elétrica. Já explicámos o funcionamento desta extraordinária máquina no capítulo precedente, que o leitor fiel poderá consultar se as coisas não estiverem tão presentes no seu espírito. A bordo da máquina, de mãos dadas com as crianças, encontravam-se igualmente os membros da tribo Navajo, todos índios peles-vermelhas, e à sua cabeça o orgulhoso rei de cognome «Meia Vermelha» (talvez o nosso amável leitor se recorde da predileção dos peles-vermelhas pelos nomes fantasistas como este, que nos fazem rir quando os ouvimos). Estavam todos a fugir da perseguição dos homens cruéis que, conduzidos pelo sanguinário bandido natural da Inglaterra, John Lee Stewart, queriam espoliar os das terras dos seus antepassados. Lá iam eles a voar em direção à lua, para aí encontrarem

um refúgio e consolação para os seus males, e tentarem virar a página do livro da sua miserável vida. Olhem! Vejam como a sua maravilhosa máquina roça os planetas, passa entre os anéis de Saturno e, iluminada pelos raios, acelera à velocidade da luz! Entretanto, o corajoso Otto Brig, cabeça do grupo dos meninos de coração de oiro, esforça-se por sossegar o ânimo dos peles-vermelhas (salvos in extremis das garras dos inimigos e logo transportados até aos céus num carro de fogo), contando-lhes os feitos dos meninos de coração de oiro, que o leitor fiel conhece tintim por tintim, não sendo pois necessário maçá-lo com eles. A irmã mais nova de Otto, a alegre Paula dos cabelos de oiro, preparara uma refeição para os convidados, a fim de lhes aliviar as almas atormentadas, e lhes animar o espírito. Albert Fried, o jovem taciturno, fechado na sala de comando e mergulhado nos seus pensamentos, refletia na questão crucial de saber como é que os animais vivem na lua, pois, como o nosso amável leitor já deve saber, Albert Fried interessa-se muito pela vida das criaturas de todos os géneros, desde os ovos de pulga ao búfalo de cornos, e sabe falar com cada uma delas na sua língua, como o rei Salomão no seu tempo; pegou num pequeno bloco de notas para aí registar as observações científicas que vai fazer em breve, pois o nosso amigo Albert Fried é um apaixonado das regras e da ordem, e que bom não seria se os nossos pequenos leitores seguissem o seu prodigioso exemplo de conduta. Enquanto escrevia chegou-lhe aos ouvidos o som plangente de uma flauta encantada. A sua surpresa foi tal que se levantou à pressa e dirigiu-se para a sala dos passageiros. Ficou parado à entrada, deslumbrado com o que os seus olhos viam: Harutian, o jovem e frágil arménio, grande mágico e perito em todo o tipo de milagres e prodígios, estava a tocar flauta para a assembleia dos convidados. Os sons que os seus dedos ágeis arrancavam do instrumento acalmavam os corações ansiosos dos peles-vermelhas e dissipavam os seus temores. O som da flauta era um bálsamo para as suas almas. Isto não tem nada de extraordinário, visto que o frágil Harutian tinha ele próprio sido salvo pelos meninos de coração de oiro há uns anos atrás, quando os turcos do Turquistão assaltaram a sua aldeia nos montes da Arménia; sendo o único habitante da aldeia a salvar-se, tal como o relata aos nossos dedicados leitores a narrativa intitulada «Os Meninos de Coração de Oiro em Socorro dos Filhos da Arménia», o jovem Harutian compreendia melhor do que ninguém o que se passava nos corações dos novos viajantes. Enquanto tocava, o rosto de Serguei, que se erguia ali tal uma sentinela, ensombrou-se de repente, como se uma nuvem

pesada tivesse passado por cima dele. Agarrou no corno ótico que aumenta as coisas mil e duzentas vezes e gritou: «Ai, estamos desgraçados! Olhem! Ali, sobre a face da lua!» Olharam todos e estremeeceram de horror. Por sua vez o chefe, Otto, olhou também, o seu coração parou e ele ficou pálido como um morto. Paula agarrou-lhe a mão e gritou: «Por amor de Deus, Otto, o que é que vês?» Mas a língua de Otto ficou paralisada, como se tivesse papas na boca, e não foi capaz de lhe responder; apenas a expressão do rosto testemunhava melhor que mil testemunhos o perigo que os espreitava, e horror dos horrores, que a morte lhes rondava a porta.

Continua no próximo número de
Luzinhas

Até para a semana que vem!

Esta foi a história que Momik encontrou no jornal, e, desde o momento em que começou a copiá-la para o Caderno de Espionagem, teve a certeza de que se tratava da história mais emocionante e interessante que alguém jamais escrevera; a página tinha um cheiro de cerca de mil anos, parecia tal e qual uma página da Tora, as próprias palavras pareciam palavras da Tora, e ele soube que, ainda que as lesse mil vezes, não compreenderia realmente tudo, porque para entender histórias como aquela eram necessários comentários como os de Rashi¹ ou de alguém que compreende verdadeiramente a língua, porque hoje já ninguém fala assim, para além do avô Anshel. Mas, mesmo sem perceber, Momik sabia que aquela página era de facto o princípio de todas as coisas e de todos os livros do mundo, e que tudo o que fora escrito nos outros livros depois não passava de pálida imitação daquela página que Momik tivera a sorte de achar, como se acha um tesouro, e era claro para ele que se a aprendesse saberia tudo, e já nem precisaria de andar

¹ Acrónimo de Rabi Shlomo Itzhaki, Troyes, França, 1040-1105. Autor de comentários da Bíblia e do Talmude destinados a tornar estes textos mais acessíveis à maioria da população judaica. A sua importância para o judaísmo asquenazita pode comparar-se à de Maimónides, no judaísmo sefardita. (*N. da T.*)

na escola, e nesse mesmo instante começou a aprender a história de cor, e como, graças a Deus, cabeça é coisa que não lhe falta, ao fim de uma semana já a sabia toda, e quando ia para a cama recitava para si próprio «Harutian, o jovem e frágil arménio, grande mágico e perito em todo o tipo de milagres e prodígios, estava a tocar flauta», etc., e também na aula, e pouco a pouco a história impregnou-lhe a alma e ele não conseguia deixar de pensar no que seria a coisa terrível que eles tinham visto na lua pelo corno ótico, e às vezes até tentava inventar um fim para a história, mas ele sabia bem que um final verdadeiramente bíblico só o avô Anshel era capaz de inventar, mas o avô Anshel não o fazia.

O pai e a mãe de Momik decidiram que o avô iria ficar no quarto pequeno que era da avó Henny, mas, fora disso, ele não se parecia minimamente com ela. Não era capaz de estar nem meio minuto quieto, e mesmo quando dormia estava sempre a virar-se e a falar e a esbracejar. Viram logo que era impossível fechá-lo em casa, porque ele desatava a chorar e a gritar, e por conseguinte deixaram-no andar à vontade. De manhã, quando o pai e a mãe iam para o quiosque da lotaria e Momik para a escola, o avô Anshel andava para cá e para lá ao longo da rua e, quando estava cansado, sentava-se no banco verde em frente da leitaria de Bela a falar sozinho. Morou precisamente cinco meses em casa de Momik e dos pais e depois desapareceu. Na semana em que chegou, Momik começou a desenhá-lo para a sua coleção de selos com o emblema do Reino, e por baixo do desenho escreveu (em honra do avô) as seguintes palavras: «Anshel Wasserman. Escritor judeu morto no Holocausto.» Bela trazia-lhe um chá fraco e lembrava-lhe delicadamente que *medarf pishen*, é preciso urinar, senhor Wasserman, e levava-o como a uma criança à casa de banho dela. Bela é mesmo um anjo do céu. O marido, Hezkel Markus, morreu há montes de anos, deixando-a só com Yehoshua, uma criança difícil e meio *meshuguene*, meio maluca, e ela sozinha, com aqueles dez dedos que Deus lhe dera, fizera dele um oficial superior do exército, um licenciado. Para além de Yehoshua, Hezkel deixou-lhe igualmente em herança o pai, o velho Aharon Markus, que – *zol er zein guezunt und stark*, que se conserve saudável

e forte – estava doente e fraco, não sabia bem a quantas andava e quase nunca saía da cama. Bela, que tinha sido uma rainha para Hezkel, que nem num copo a deixava tocar, nem por um segundo pensou em ficar em casa de braços cruzados depois da morte do marido, e foi logo trabalhar para a pequena mercearia a fim de não perder os clientes fiéis, e até conseguiu ampliá-la e acrescentar mais três mesinhas, e instalar uma máquina de gasosa e outra de café, e lá estava ela de pé, de manhã à noite, a suar sangue, só o travesseiro sabe as lágrimas que verteu, mas Yehoshua nunca foi dormir com fome, e o trabalho não mata ninguém, como se sabe.

Na leitaria, Bela servia pequenos-almoços leves e especiais e almoços caseiros para paladares requintados. Momik lembrava-se perfeitamente das palavras, porque fora ele quem escrevera a ementa três vezes (havia três mesas), e desenhara nela pessoas gordas e sorridentes por terem comido tão bem. Na leitaria havia também bolos caseiros, mais frescos que Bela, como ela dizia a quem lhe perguntava, mas o problema é que eram bem poucos os que perguntavam, porque quase ninguém vinha à leitaria. Apenas os operários marroquinos que trabalhavam na construção dos novos blocos residenciais de Beit Mazmil vinham às dez da manhã comprar uma garrafa de leite, pão e iogurtes, bem como alguns clientes fiéis da rua, e Momik, claro está. Mas ele não tinha dinheiro. Os outros não vinham, porque por esse tempo já tinham construído no centro comercial um supermercado moderno, onde quem fizesse compras no valor de trinta liras recebia como prêmio um conjunto de bases em cortiça para taças de chá, como se eles estivessem habituados a beber chá em taças sobre bases, em casa da marquesa, e agora precipitam-se todos para lá, até parece que vão lá achar ouro e não peixe fumado e rabanetes, e também porque recebem todos à entrada um carro em metal, e podem passear com ele para lá e para cá, e ser levados de carrinho, dizia Bela sem grande raiva. Sempre que ela falava do supermercado, Momik corava e desviava os olhos – ia lá de vez em quando ver as luzes e as coisas que lá havia para comprar, as máquinas registadoras que apitavam, e como apanhavam as carpas no aquário –, mas Bela não se importava nada que os clientes

a tivessem abandonado. Era o que ela dizia e dizia ainda, de qualquer maneira, mais rica ou mais pobre, o que é que tem, diz-me lá, o Rockefeller come porventura dois almoços? E o Rothschild dorme em duas camas? Não, o que a preocupava era o ócio e o tédio, e se as coisas continuassem assim, ela até estava disposta a trabalhar nas limpezas, tudo menos estar sentada sem fazer nada, e o que é que ela podia fazer, a Hollywood decerto que já não iria este ano, provavelmente por causa das pernas, e Marilyn Monroe podia continuar a dormir descansada com o seu novo marido judeu. Bela costumava ficar sentada o dia inteiro a uma das mesinhas vazias, a ler o jornal *Para a mulher* e o *Yediot Aharonot*, o jornal da tarde, e a fumar cigarros Savion uns a seguir aos outros. Não tinha medo de nada nem de ninguém e dizia sempre o que pensava, como aos inspetores da Câmara que vieram para expulsar o Max e o Moritz do armazém, e a quem ela falou de um modo que eles nunca mais esquecerão, pois ela nem de Ben-Gurion tinha medo, e quando se referia a ele, chamava-lhe «o ditadorzinho de Plonsk», mas não falava sempre assim, pois é preciso não esquecer que ela, tal como todos os adultos que Momik conhece, veio do país a que chamam Lá, sobre o qual não se deve falar, pensa-se nele apenas no fundo do coração, e solta-se um *krekhtz*, um suspiro comprido, aiiiiiiiiiii, é assim que todos eles fazem, mas apesar de tudo Bela é um pouco diferente, foi por ela que Momik ouviu uma série de coisas importantes sobre esse país, e embora ela também não possa naturalmente contar-lhe todos os segredos, fez algumas alusões à casa que os pais dela tinham Lá, e foi ainda por ela que Momik ouviu pela primeira vez falar da Besta nazi.

Bom, é preciso que se diga que no princípio Momik pensava que Bela se estava a referir a um monstro imaginário ou a um dinossauro gigante que existira no passado e de quem todos tinham medo. Mas não teve coragem de perguntar o que era nem como era. Então, quando o avô novo chegou, e os pais ficaram ainda mais infelizes, gemiam e gritavam à noite mais do que antes, e ele já não podia suportar aquilo, Momik decidiu perguntar outra vez a Bela, e ela respondeu-lhe num tom amargo que havia umas quantas coisas que, graças a Deus, um menino de nove anos não precisava de saber,

e abrindo-lhe com os dedos nervosos o botão de cima da camisa, disse que quase lhe faltava o ar de o ver assim, mas Momik teimou e perguntou-lhe por palavras bem claras que espécie de animal era precisamente a Besta nazi (pois sabia muito bem que já não existiam animais imaginários e muito menos dinossauros), e então Bela tirou uma longa fumaça do cigarro, que esmagou depois com força no cinzeiro, soltou um *krekhitz*, olhou para ele, apertou os lábios e não disse nada, mas sem querer saiu-lhe uma coisa, e disse que a Besta nazi podia surgir de qualquer animal desde que lhe dessem o tratamento e a comida adequados, e a seguir, com os dedos a tremer, acendeu imediatamente outro cigarro, e Momik compreendeu que não conseguiria extrair dela mais nada, pelo menos por esta vez, e saiu para a rua com a cabeça cheia de pensamentos, a arrastar a pasta pela calçada molhada e a abotoar distraidamente o botão de cima da camisa, e então parou e olhou para o avô Anshel que, como de costume, estava sentado no banco verde do outro lado da rua estreita, mergulhado em si próprio e a esbracejar contra um ser invisível que não lhe dava tréguas, mas o mais curioso é que o avô já não estava sozinho no banco.

De facto, nos últimos dias e sem que fizesse nada por isso, o avô começou a atrair a si toda a espécie de pessoas. Em particular aqueles velhos em que ninguém reparava na rua, e se reparavam faziam o possível por não lhes falar, Ginzburg e Zeidman, por exemplo, que vinham para junto dele e o observavam de perto, e Zeidman começava logo a fazer os mesmos gestos do avô, porque repete sempre o que vê fazer aos outros, e vinha também Yedidia Munine, que dormia na sinagoga deserta em companhia de todos os santos mártires. Yedidia Munine é aquele que anda com as pernas abertas por causa da hérnia, e usa dois pares de óculos, um sobre o outro, um para o sol e o outro para ver, e as crianças estão proibidas de se aproximarem dele porque é indecente, mas Momik sabe que Yedidia é um sermano bom, e que a única coisa que deseja na vida é amar alguém de uma família boa e respeitável, e fazer-lhe filhos como só ele sabe fazer, e é por isso que, todas as sextas-feiras, Momik lhe corta em segredo do jornal de Bela os anúncios matrimoniais da

célebre casamenteira moderna, a senhora Esther Levin, primeira especialista no país em relações com turistas estrangeiros, mas Deus nos livre que alguém saiba disso. Bom, depois veio também para a rua Aharon Markus, o pai do Hezkel da Bela, que ninguém via há dez anos e por quem já todos diziam *Kadish*, e eis que afinal está vivo, com bom aspeto e bem vestido (está visto que Bela não o deixaria sair para a rua vestido como um maltrapilho), a única coisa é que a cara, Deus nos proteja, está sempre a torcer-se e a contorcer-se em mil e uma caretas esquisitas que mais vale não ver. E veio também a senhora Hannah Zeitrin, que o marido alfaiate abandonara, maldito seja, deixando-a viúva de um homem vivo, é por isso que ela está sempre a gritar, e ainda foi uma sorte terem começado a chegar as indemnizações¹, pois de outra forma ela morria à fome, Deus nos livre, porque o alfaiate, *psia krew*, filho da mãe, não lhe deixou nem uma migalha de pão, levou tudo com ele, o sacana, e a senhora Zeitrin é uma mulher muito boa, mas é também uma puta que tem relações sexuais com os *shvartzim*, os pretos – *a shvartz yor oïf ir*, que tenha um ano negro, como diz a mãe sempre que ela passa –, pois bem, é literalmente isso que a senhora Zeitrin faz com Sasson Sasson, o guarda-redes da equipa do Hapoel Jerusalem, e com Victor Arussi que é motorista de táxi, e ainda com Azura que tem um talho no centro comercial, e cujos cabelos estão sempre cheios de penas, e parece realmente um homem bom que não tem relações sexuais, mas todos sabem que tem. No começo, Momik tinha um ódio de morte a Hannah, e jurara a si próprio que só casaria com uma rapariga de uma família boa e respeitável, como nos anúncios da casamenteira Esther Levin, que gostasse dele pela sua beleza, inteligência e timidez, e nunca uma puta, mas quando ele uma vez disse qualquer coisa sobre Hannah a Bela, esta zangou-se e disse que Hannah era muito infeliz, e que se devia ter compaixão por ela, como se deve ter por toda a gente, e que Momik não sabia nem metade do que acontecera a Hannah Lá, e que ela estava longe de sonhar que viria a acabar

¹ Dinheiro atribuído pelo governo alemão às vítimas do Holocausto como «indemnização» pelos sofrimentos causados pelo regime nazi. (*N. da T.*)

assim, todos começam por ter muitos sonhos e esperanças, foi o que disse Bela, e então Momik começou a olhar para Hannah de maneira diferente, e viu que ela era de facto uma mulher bastante bonita, com a sua peruca loira comprida, como os cabelos de Marilyn Monroe, o rosto vermelho e grande com um buçozinho giro e as pernas inchadas e cobertas de ligaduras; na verdade era bastante porreira, a única coisa é que odiava o corpo dela, estava sempre a coçá-lo e a chamar-lhe o meu forno e a minha desgraça, e foi Munine quem explicou a Momik que ela estava sempre a gritar porque precisava de acasalar a toda a hora, caso contrário sabe-se lá o que poderia fazer, e por isso é que o alfaiate fugira, porque não era de ferro, e além disso tinha um problema de cornos, e sobre isso também havia que interrogar Bela; todas estas histórias preocupavam um pouco Momik, pois o que poderia acontecer se nenhuma das relações de Hannah estivesse disponível e ela visse Momik a passar na rua? Mas, graças a Deus, tal não aconteceu, e há que dizer ainda que, para além do seu corpo, a senhora Zeitrin também tem raiva a Deus, faz-Lhe todo o tipo de gestos feios, grita e insulta-O em polaco, o que ainda vai, mas também em ídiche, o que é pior pois Ele decerto percebe. Está sempre a desafiá-Lo a que ouse vir mostrar-Se diante de uma mulher simples de Dynow; de qualquer maneira, Ele ainda não ousou, mas sempre que ela começa a gritar e a correr ao longo da rua, Momik vai logo para a janela para não perder o encontro, pois será possível que Deus não reaja perante tais insultos, que, para além do mais, toda a gente ouve; que diacho, será de ferro? Não vê que a senhora Zeitrin começou ultimamente a rondar o banco, a sentar-se ao lado do avô, delicadamente, como uma *bubale*, uma bonequinha, embora continuando sempre a coçar o corpo todo, mas em silêncio, sem gritar nem brigar com ninguém, porque até ela sentiu bem lá no íntimo que o avô é um homem muito gentil.

Momik é tímido de mais para vir para ao pé deles, por isso vai-se aproximando devagarinho, a arrastar a pasta pelo passeio, até que, de repente, como por acaso, se encontra mesmo junto ao banco e consegue ouvir o que eles dizem em ídiche, um ídiche um pouco diferente do dos pais, mas ele percebe tudo: O nosso rabi, murmura